



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS VI
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS
CURSO DE LETRAS/ESPAÑOL**

ILCA NADJANI SOUZA MEDEIROS

**A MATERNIDADE EM GABRIELA MISTRAL: UMA LEITURA DO
POEMA *APEGADO A MÍ***

**MONTEIRO-PB
2018**

ILCA NADJANI SOUZA MEDEIROS

**A MATERNIDADE EM GABRIELA MISTRAL: UMA LEITURA DO
POEMA *APEGADO A MÍ***

Artigo apresentado à banca examinadora como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Espanhol, pelo Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba.

Orientadora: Prof. Ma. Amanda da Silva Prata.

**MONTEIRO-PB
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M488m Medeiros, Ilca Nadjani Souza.

A maternidade em Gabriela Mistral [manuscrito] : uma leitura do poema "Apegado a M". / Ilca Nadjani Souza Medeiros. - 2018.

25 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Espanhol) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2019.

"Orientação : Profa. Ma. Amanda da Silva Prata , Departamento de Letras - CH."

1. Gabriela Mistral (Escritora chilena). 2. Apegado a mí (Poema chileno). 3. Literatura chilena. 4. Maternidade. I. Título

21. ed. CDD Ch861

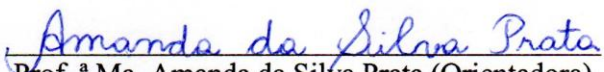
ILCA NADJANI SOUZA MEDEIROS


**A MATERNIDADE EM GABRIELA MISTRAL: UMA LEITURA DO
POEMA *APEGADO A MÍ***


Artigo apresentado à banca examinadora como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Espanhol, pelo Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba.

Aprovado em 07 (sete) de dezembro de 2018.

BANCA EXAMINADORA


Prof.ª Ma. Amanda da Silva Prata (Orientadora)
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)


Prof.ª Joelma da Silva Neves
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.ª Esp. Maria da Conceição Almeida Teixeira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho à minha família que sempre confiou em mim e me deu forças, e aos meus amigos e professores da UEPB.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por tudo que me concedeu durante esta vida, e por me manter de pé e com fé.

Agradeço aos colegas que dividiram a jornada de trabalho comigo, e aos docentes da UEPB, principalmente à minha orientadora, Amanda da Silva Prata, e às professoras Joelma da Silva Neves e Maria da Conceição Almeida Teixeira, que gentilmente aceitaram o convite para compor a banca examinadora.

"É melhor lançar-se à luta em busca do triunfo, mesmo expondo-se ao insucesso, do que ficar na fila dos pobres de espírito, que nem gozam muito nem sofrem muito, por viverem nessa penumbra cinzenta de não conhecer a vitória e nem a derrota."

Franklin D. Roosevelt.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2. GABRIELA MISTRAL: VIDA E OBRA.....	11
3. A CRÍTICA FEMINISTA E O PAPEL DA MULHER NA LITERATURA DO SÉCULO XX: A RESISTÊNCIA MISTRALIANA	13
4. A MATERNIDADE EM GABRIELA MISTRAL: O POEMA “ <i>APEGADO A MÍ</i> ”.....	19
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS	25

A MATERNIDADE EM GABRIELA MISTRAL: UMA LEITURA DO POEMA *APEGADO A MÍ*

Ilca Nadjani Souza Medeiros¹

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal observar de que modo é tratado o tema maternidade na obra de Gabriela Mistral, especificamente no poema “*Apegado a mí*”. Para tanto, apresentamos uma leitura analítica do poema, destacando os aspectos relacionados ao instinto maternal encontrados. As discussões apresentadas se baseiam nos estudos de Izuli (2014), Silva (2017), Landero (2017) e Figueroa (2003), entre outros. Metodologicamente, se trata de uma pesquisa bibliográfica, pois nos baseamos em estudos já realizados sobre o tema, encontrados em livros, artigos e *sites*. Concluimos que, embora nunca tenha sido mãe, Mistral falou sobre maternidade com propriedade, pois, para ela, ser mãe ultrapassa os limites do parto. A maternidade, para a escritora, está mais relacionada a uma atitude empática que a uma gravidez, já que ela nunca teve filhos.

Palavras-chave: Literatura. Gabriela Mistral. Maternidade. *Apegado a mí*.

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo, buscamos observar de que modo a escritora chilena Gabriela Mistral, ganhadora do prêmio Nobel de Literatura, em 1945, trata o tema maternidade. Nos dedicamos especificamente à leitura e análise do poema “*Apegado a mí*”. Do ponto de vista metodológico, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre a temática em questão, que se valeu de leitura exploratória e seletiva de livros, trabalhos científicos e artigos disponíveis na internet.

Para Lage (2015) Gabriela Mistral enquanto viveu procurou arduamente construir uma carreira de intelectual no Chile e no mundo e, por sua importante trajetória, precisa ser resgatada do esquecimento em que caiu. Sua trajetória de vida merece ser estudada, pois pode contribuir para que tenhamos uma melhor compreensão do período literário em que se insere, assim como do processo de inserção feminino em um meio eminentemente masculino.

Assim sendo, optamos por realizar a presente discussão após identificarmos que são raras as pesquisas que têm como foco a obra de Gabriela Mistral. Portanto, este artigo tem a

¹ Aluna de Graduação em Letras/ Língua Espanhola na Universidade Estadual da Paraíba – Campus VI.
E-mail: ilcamedeiros1@hotmail.com.

finalidade de despertar os indivíduos a buscar conhecer um pouco mais sobre esta escritora tão importante não só para a América Latina, mas também para o mundo.

2. GABRIELA MISTRAL: VIDA E OBRA

De acordo com Izuli (2014), Lucila de Maria de Perpetuo Socorro Alcayaga, mais conhecida como Gabriela Mistral, nasceu em Vicuña, no Chile, em 7 de abril de 1889, sua infância foi no Valle del Elqui, lugar que ela amava. Mistral foi autora de significativas obras como: *Sonetos de la Muerte* (1914); *Desolación* (1922); *Lecturas para Mujeres* (1923); *Ternura* (1924); *Nubes Blancas y Breve Descripción de Chile* (1934); *Tala* (1938); *Antología* (1941); *Lagar* (1954); *Recados Contando a Chile* (1957) e *Poema de Chile* (1967). Ainda de acordo com Izuli (2014), Gabriela Mistral era filha de Juan Jerónimo Godoy Villanueva e Petronila Alcayaga Rojas, e seu pai abandonou a casa quando ela tinha apenas três anos de idade.

Segundo Izuli (2014), aos 15 anos Mistral começou a trabalhar como professora secundária, perto de Vicuña. Surgindo a descoberta de seu dom de ensinar, Gabriela publica em 1910, seus primeiros poemas em jornais da região, como o “*Diario Radical*” e “*La Voz de Elqui*”.

Aos 17 anos, surgiu um grande amor em sua vida, o jovem Romelio Ureta, um operário ferroviário, esse romance teve um fim trágico deixando uma triste marca em seu coração, ao receber a notícia de que seu amor cometeu suicídio, este fato inspirou Mistral a escrever a obra *Sonetos de la Muerte*. Entretanto, embora muitas biografias de Mistral não apresentem este fato, em realidade a escritora, ao longo da vida, se descobriu lésbica e mantinha uma relação com a norte americana Doris Dana, que por muito tempo foi vista como uma secretária ou assistente da escritora, quando na verdade era sua companheira. Esta revelação surgiu em 2010, quando a cineasta María Elena Wood apresentou o documentário “*Loucas Mulheres*”, e abalou os críticos da obra de Mistral, que teriam preferido que ela fosse louca, pois, não eram poucos os que defendiam a tese de que Mistral vivia em estado de loucura, baseados na profunda tristeza que se abateu sobre a escritora após o suicídio de seu sobrinho, Juan Miguel Godoy, a quem criou como um filho. Embora nunca tenha tido filhos biológicos, Mistral expõe em alguns de seus escritos um forte instinto maternal, como se verifica no poema “*Apegado a mí*”, que apresentamos mais adiante.

Na perspectiva de Silva (2017), a autora chilena se inspirou em dois grandes poetas, o italiano Gabriele D’Annunzio e o francês Frédéric Mistral, deste último derivou seu

pseudônimo, Mistral. Gabriela Mistral era um exemplo típico da classe média chilena emergente nos primeiros anos do século XX, se transformou em uma mulher de várias posições sociais, poetisa, professora, feminista, cônsul e diplomata, viajou por vários países, sempre surpreendendo com suas obras e poemas, uma guerreira que defendia os índios e pobres e que lutava pela igualdade da mulher, conquistando a admiração de muitos em diversos países e despertando a indignação do governo da época.

Para Silva (2017), com o decorrer dos anos, Gabriela se destaca cada vez mais com seus poemas e suas obras, uma mulher incrivelmente notável por sua capacidade de defender os necessitados e por sua inteligência bruta, podemos perceber essa mulher guerreira, que em cada dor, perda, amor ou dificuldade transforma suas vivências em obras primas, principalmente no campo da poesia.

Segundo Silva (2017), na década de 40, a escritora descobriu uma doença (câncer no pâncreas) a qual ela passou o resto de sua vida tratando. Mistral morreu em janeiro de 1957, deixando um testamento dedicado à caridade. Podemos perceber a relação da vida da autora com suas obras e poemas, uma vez que o conteúdo de suas obras está intimamente ligado à sua vida pessoal; ao lermos seus escritos, sentimos dor, amor e fé, como se nós estivéssemos vivenciando o que ela viveu.

Sabemos que a sociedade interfere bastante na vida de um indivíduo, pois ela é formada por um conjunto de elementos que inclui grupos de pessoas, culturas, costumes e regras construídas por indivíduos de diferentes classes sociais. Alguns indivíduos buscam transformar a sociedade em que vivem através de atitudes inovadoras, Gabriela Mistral é um exemplo de ser humano que buscou transformar a sociedade em que vivia através de sua luta em favor dos menos favorecidos, algo que se refletiu em sua obra.

Dessa maneira, a escritora Gabriela Mistral iniciou suas transformações dentro da sociedade escrevendo suas poesias para determinados grupos de indivíduos que compartilhavam de sua ideologia e buscavam uma sociedade mais igualitária. Em 1922, vinte chilenas criaram “O Partido Cívico das Mulheres”, ano em que Mistral conseguiu a publicação do seu livro *Desolación*.

Soares (2002) afirma que Mistral atuou como um instrumento de luta contra a barbárie, militou pela valorização da importância do folclore (por meio de seus poemas e narrativas orais), acreditando que em uma sociedade onde a cultura letrada era restrita a alguns setores da sociedade, suas ações seriam fundamentais para o processo de inclusão dos marginalizados pela sociedade. A escritora também valorizou a literatura infantil em uma época em que muitos tinham uma visão depreciativa deste tipo de literatura.

De acordo com Soares (2002), Mistral visitou o Brasil em 1937, posteriormente, foi nomeada cônsul geral, entre 1939 e 1943, período em que conviveu com intelectuais e artistas brasileiros. “Enquanto estive em nosso país, ficou, inicialmente, em Niterói, mas depois se transferiu para ,Petrópolis, onde viveu anos difíceis de vida pessoal, até seu embarco para Estocolmo” (SOARES, 2002, p. 204). Em 1940, viajou para os EUA, onde visitou o Nobel de Literatura Rabindranath Tagore, que na época estava em Nova York.

Para Silva (2017), examinar a fortuna crítica de Gabriela Mistral no Brasil é uma forma de repensar como este significativo nome da literatura de autoria feminina, na América Latina, foi recebido, lido e comentado pela crítica brasileira. Trata-se, portanto, de repensar até que ponto a recepção da obra mistraliana ficou presa aos rótulos como a de “madre espiritual” ou se foi possível atribuir a ela leituras que valorizassem o seu posicionamento como intelectual preocupada com as causas feministas e com a ideia de integração cultural entre os países latino-americanos

3. A CRÍTICA FEMINISTA E O PAPEL DA MULHER NA LITERATURA DO SÉCULO XX: A RESISTÊNCIA MISTRALIANA

Embora seja uma constatação histórica de que as mulheres foram oprimidas de várias formas, condicionadas ao papel de esposa submissa ou filha obediente à autoridade paterna. Segundo Zolin (2009), a crítica feminista nasce com o interesse de estudar a posição feminina e o papel da mulher na literatura do século XX, que geralmente era representada a partir de estereótipos femininos, como megera, sedutora, dependente, indefesa ou ingênua, tradicionalmente expostos ou criados por escritores homens na literatura nacional ou estrangeira. Para a autora, a crítica feminista também se volta para o estudo de produções literárias que questionam essas representações tradicionais do feminino, ou seja, que vêm a desconstruir essas representações ou construções simbólicas do feminino e do seu papel de submissão/dependência ao masculino.

Rocha-Coutinho (1994) afirma que a crítica feminista se interessa por demonstrar como o papel da mulher foi simbolicamente construído: “ser mulher e ser homem são categorias socialmente construídas e, portanto, o ser mulher, da mesma forma que o ser homem, é resultado de uma intrincada rede de significações sociais” (ROCHA-COUTINHO, 1994 p. 17). De acordo com a autora, a condição feminina sempre sofreu uma série de embargos por parte do sexo masculino, passando por uma trajetória de opressão e de

silenciamentos, de modo que as mulheres constantemente precisam lutar a fim de que as relações entre masculino e feminino deixem de ser profundamente hierarquizadas.

Nesse sentido, os estudos feministas surgiram para reivindicar a posição de igualdade das mulheres em relação aos homens. Se por um lado houve quem dissesse que a suposta superioridade masculina se dava com bases biológicas – apontando supostas fraquezas na constituição física feminina – percebemos que cada discurso tem suas origens em propósitos muito específicos de dominação.

Rocha-Coutinho (1994) cita que, por vezes, algumas mulheres estiveram em posições de relativa proximidade com o poder, pois lançavam mão de estratégias para oprimir outras mulheres e homens abaixo do seu poder, tais “como os escravos, agregados e empregados domésticos” (ROCHA-COUTINHO, 1994 p. 18). A autora destaca que o domínio e a opressão masculinos nunca foram totais, como somos levados a pensar, a ponto de as mulheres não obterem sequer o mínimo poder. Nesse processo, no lugar de uma completa subjugação do feminino pelo masculino, o que ocorreu foi justamente a existência de formas desiguais de poder ou então, de uma forma mais adequada, a grande desigualdade na divisão dos poderes; mas, mesmo assim, muitas mulheres estiveram:

Confinadas por séculos no espaço da casa, onde reinavam quase absolutas, enfeitando maridos e filhos com a máscara da perfeição, as dedicadas e abnegadas mães e esposas encontram formas especiais e silenciosas de articular sua resistência, em murmúrios que se perdiam, muitas vezes, no coro forte dos homens que as sufocavam. Nem vítimas, nem algozes, acreditamos que as mulheres ao longo dos anos foram tecendo modos de resistência a esta opressão masculina, formas de exercer um certo controle sobre suas vidas a despeito de uma situação social tão adversa (ROCHA-COUTINHO, 1994 p. 19).

Quando se pensa a condição feminina e o lugar que às mulheres foi destinado em sociedades patriarcais, como a nossa, o problema, segundo Rocha-Coutinho (1994), é que muitos estudos de ordem feminista apenas se concentraram no homem e deixaram de olhar mais atentamente a mulher.

Com isso, tais estudos pecaram por dar grande ênfase aos aspectos da opressão masculina e deixarem de lado os aspectos da resistência feminina. Essa resistência feminina pode ser associada a uma forma de expressão artística ou social utilizada pela mulher, como meio de autoafirmação e enfretamento a esses cerceamentos provocados pelo domínio da sociedade patriarcal.

Gabriela Mistral é um exemplo de resistência no universo literário feminino, a autora, como já citado, recebeu o Prêmio Nobel de Literatura, no ano de 1945, sendo a primeira mulher latino-americana a receber este prêmio.

Mistral foi uma mulher à frente de seu tempo, lutou contra as injustiças sociais, deu visibilidade aos marginalizados, defendeu que as mulheres tivessem acesso à educação, entre outros feitos que a transformaram em uma escritora notável. O trecho abaixo nos dá uma ideia de quem foi esta autora e do porquê ela merece destaque não apenas no cenário literário da América Latina, mas também no mundo, como importante defensora dos direitos das mulheres, bem como de todos os excluídos:

*Instrúyase a la mujer; que no hay nada en ella que le haga ser colocada en un lugar más bajo que el del hombre. Que lleve una dignidad más al corazón por la vida: la dignidad de la ilustración. Que algo más que la virtud le haga acreedora al respeto, a la admiración, al amor. Tendréis en el bello sexo instruido, menos miserables, menos fanáticas y menos mujeres nulas... Que pueda llegar a valerse por sí sola y deje de ser aquella criatura que agoniza y miseria si el padre, el esposo o el hijo no la amparan. ¡Más porvenir para la mujer, más ayuda! Búsqese todos los medios para que pueda vivir sin mendigar protección². (Gabriela Mistral, “La instrucción de la mujer”, en *La Voz de Elqui*, Vicuña, 8 de marzo de 1906).³*

Percebe-se, através do fragmento citado acima, que Mistral enxerga as mulheres como indivíduos capazes de resistir, de lutar por seus direitos e de se defender do domínio imposto pela sociedade patriarcal. Embora reconheça que a mulher padece em sociedades dominadas por homens, a escritora aponta para o fato de que essa mulher não precisa necessariamente ser vítima da dominação masculina, mas pode e deve instruir-se, fortalecer-se e levantar-se contra toda e qualquer forma de injustiça.

A obra de Gabriela Mistral, como aponta Landero (2017), apresenta importantes reflexões políticas e sociais; de acordo com a pesquisadora, Mistral se dedicou a escrever sobre a liberdade, sobre os direitos humanos, a democracia, o direito à educação e ao voto das mulheres, o direito ao trabalho dos camponeses, bem como sobre a importância de que homens e mulheres recebessem salários iguais, de acordo com as funções desempenhadas,

² Instrua-se à mulher; que não há nada nela que lhe faça ser colocada em um lugar mais baixo que o homem. Que leve uma dignidade a mais ao coração pela vida: a dignidade da ilustração. Que algo mais que a virtude lhe faça merecedora do respeito, da admiração e do amor. Teremos no belo sexo instruído menos miseráveis, menos fanáticas e menos mulheres nulas... Que possa chegar a valer-se por si só e deixe de ser aquela criatura que agoniza e cai em miséria se o pai, o esposo ou o filho não a amparam. Mais futuro para a mulher, mais ajuda! Que se busquem todos os meios para que possa viver sem mendigar proteção. (Tradução nossa)

³ Texto publicado em *La voz de Elqui*, em 1906, e recompilado por María Luísa Pérez, em sua *Antología de Gabriela Mistral*, 1995.

entre outros. Os temas presentes na obra desta importante escritora nos levam a refletir sobre o quanto ela foi militante e desejou que todos pudessem viver com dignidade.

De acordo com Landero (2017), ainda que não exista um tratado teórico, na obra de Gabriela Mistral, sobre a liberdade, a autora apresentou este tema de forma, aparentemente, simples, porém, ao mesmo tempo, muito profunda. A escritora se propôs a compreender e a defender a liberdade que, para ela, era “tan joven y pobre” (tão jovem e pobre), mas Mistral acreditava que o continente americano dependia da defesa dessa jovem e pobre liberdade para ser independente.

A seguir, apresentamos o conto “La Libertad” (A Liberdade), que por si só nos dá uma ideia de como Gabriela Mistral compreendia a liberdade:

LA LIBERTAD⁴

El pájaro manso vivía en la jaula, y el pájaro libre en el bosque. Mas su destino era encontrarse, y había llegado la hora.

El pájaro libre cantaba: –Amor, volemos al bosque. El pájaro preso decía bajito: –Ven tú aquí, vivamos los dos en la jaula.

-Decía el pájaro libre: –Entre rejas no pueden abrirse las alas.

– ¡Ay! –decía el pájaro preso–; ¿sabré yo posarme en el cielo?

-El pájaro libre cantaba: “–Amor mío, pía canciones del campo.

El pájaro preso decía: -Estate a mi lado, te enseñaré la canción de los labios.

El pájaro libre cantaba: –No, no, no, nadie puede enseñar las canciones.”

El pájaro preso decía: – ¡Ay! Yo no sé las canciones del campo.

-Su amor es un anhelo infinito, más no pueden volar ala con ala.

Se miran, y se miran a través de los hierros de la jaula; pero es en vano su deseo.

Y aletean, nostálgicos, y cantan: –Acércate más, acércate más.

El pájaro libre grita: –No puedo. ¡Qué miedo tu jaula cerrada!

*El pájaro preso canta bajito: ¡Ay! No puedo: ¡mis alas se han muerto!*⁵

⁴ Disponível em: <<https://www.crisolacatlan.com/single-post/2017/06/19/GABRIELA-MISTRAL-Una-peculiar-feminista-1889-1957>>. Acesso: 10 jun. 2018.

⁵ O pássaro manso vivia na gaiola, e o pássaro livre na floresta. Mas seu destino era encontrar-se, e havia chegado a hora.

-O pássaro livre cantava: -Amor, voemos à floresta.

O pássaro preso dizia baixinho: -Vem aqui, vivamos os dois na floresta.

-Dizia o pássaro livre: - Entre barras não podem abrir-se as asas.

- Ay! - Disse o pássaro prisioneiro: Eu saberei como posar no céu?

O pássaro livre cantava: - Meu amor, cante músicas country.

O pássaro prisioneiro dizia: " Esteja ao meu lado, eu vou te ensinar a canção dos lábios.

O pássaro livre cantava: Não, não, não, ninguém pode ensinar as músicas.

O pássaro prisioneiro dizia: Oh! Eu não conheço músicas country.

- O seu amor é um desejo infinito, mas não podem voar asa com asa.

Se olham e se olham através dos ferros da gaiola; mas é em vão seu desejo.

E vibram, nostálgicos, e cantam: - Aproxime-se mais, aproxime-se mais.

O pássaro livre grita: - Não posso. Como é assustadora sua gaiola fechada!

O pássaro preso canta baixinho: Oh! Não posso: minhas asas morreram! (Tradução nossa)

O encontro dos pássaros nos faz refletir sobre como cada um enxerga o que seria liberdade. Para o pássaro livre parecia insuportável a ideia de sentir-se em uma gaiola; já o pássaro prisioneiro aparentemente temia a liberdade, por ter sido acostumado à prisão, e perdido sua capacidade de voar. A metáfora dos pássaros é usada por Gabriela Mistral para referir-se à liberdade do povo americano, colonizado por espanhóis, que, uma vez emancipado do domínio espanhol, estaria mais consciente, mais independente e menos disposto a ser novamente dominado.

Gabriela Mistral, foi uma mulher que esteve perto de homens importantes e revolucionários, políticos, intelectuais, escritores e artistas de renome mundial, e com estes homens ela falava de igual pra igual; a escritora sempre se destacou por suas ideias políticas, como aponta Landero (2017):

[...] ella se destacaba por sus grandes ideas acerca del quehacer político que debían desempeñar las instituciones y los hombres que se encontraban construyendo naciones como Chile y México. Este rasgo en mi opinión ha de ser destacado simplemente por tratarse de una mujer en un Continente donde el machismo era un rasgo muy acentuado sobre todo a principios del siglo XX⁶. (LANDERO, 2017, p. 1)

Como salienta a pesquisadora, Mistral viveu em um tempo em que o machismo era bastante acentuado; considerando este contexto e o modo como a escritora se posicionou na defesa da equidade de direitos para homens e mulheres, percebemos como ela foi corajosa, em sua condição de mulher, pobre, índia e lésbica, ao levantar sua voz contra a dominação masculina e contra todas as formas de injustiça, pois Gabriela Mistral não foi apenas uma defensora dos direitos das mulheres, mas também dos índios, dos camponeses e das crianças.

Mistral não pode ser comparada às feministas das décadas de 1960 e 1970, pois estava, no início do século, ainda inaugurando algumas ideias feministas, porém isso não faz dela menos guerreira, ao contrário, por ter vivido em um contexto tão desfavorável, a escritora merece destaque por sua braveza. E não estamos afirmando que Gabriela Mistral acreditava que mulheres e homens eram completamente iguais, pois ela reconhecia as diferenças entre ambos os sexos, o que estamos apontando é que a escritora observava que em muitas ocasiões as mulheres de sua época, bem como as que viveram em períodos anteriores ao seu, viviam

⁶ [...] Ela se destacava por suas grandes ideias sobre a tarefa política que as instituições e os homens que estavam construindo nações como o Chile e o México deviam desempenhar. Esta característica, na minha opinião, tem que ser destacada simplesmente por se tratar de uma mulher em um Continente onde o machismo era uma característica muito marcante, especialmente no início do século XX. (Tradução nossa)

em condições humilhantes. Infelizmente, esta é uma situação que, em menor grau, ainda se repete em nossos dias, em pleno século XXI.

Considerando a situação da mulher em diferentes épocas, com apenas 17 (dezesete) anos de idade, Mistral escreveu para o jornal chamado “La Voz del Equi” o seguinte:

Retrocedamos en la historia de la humanidad buscando la silueta de la mujer, en las diferentes edades de la Tierra. La encontraremos mas humillada i mas envilecida mientras mas nos internemos en la antigüedad. Su engrandecimiento lleva la misma marcha de la civilizacion; mientras la luz del progreso irradia mas poderosa sobre nuestro globo, ella, agobiada, va hiruñéndose mas i mas⁷. (Gabriela Mistral, “La instrucción de la mujer”, en La Voz de Elqui, Vicuña, 8 de marzo de 1906, p.43).⁸

Como observamos, Mistral ainda muito jovem já apresentava um grau de maturidade notável. Seu interesse em refletir sobre a condição da mulher comparando diferentes épocas nos dá uma ideia do quanto a escritora se empenhou em compreender não apenas a sociedade em que estava inserida, mas também sociedades anteriores, pois olhar para o passado pode ajudar-nos a entender melhor o presente. Gabriela observava que quanto mais o progresso se espalhava, mais as mulheres se erguiam, na tentativa de conquistar o seu espaço em um contexto social historicamente dominado pelo sexo masculino. A escritora se mostra como uma visionária que olhava o futuro de modo positivo, compreendendo que as mulheres caminhariam cada vez mais rumo ao progresso.

A respeito do movimento feminista no Chile, Figueroa (2003) destaca o seguinte:

En América y en Chile el movimiento feminista no tuvo las características violentas de sus antecesoras (“Las sufragistas [...] activan su campaña con tanto calor que su agresividad [...] hace vivir a Inglaterra, casi el clima de una guerra civil”). Su posición estuvo más ligada a una concepción de diferencias y no de antagonismos con el sistema imperante. Desde una conciencia femenina y consecuente con el rol maternal fue abriendo nuevos espacios de legitimación. Sin entrar nunca en la lucha abierta: “[El] feminismo chileno entre 1900 y 1940 fue de tipo reformista o doméstico, en el que partiendo de una visión tradicional de sí (y no podría haber sido de otra forma), las mujeres buscaron, principalmente, la reivindicación de sus derechos civiles y políticos [20] desde una posición no

⁷ Vamos voltar na história da humanidade procurando a silhueta das mulheres, em diferentes idades da Terra. Vamos encontrá-la mais humilhada e mais degradada quanto mais entrarmos na antiguidade. Seu engrandecimento leva a mesma marcha da civilização; enquanto a luz do progresso irradia mais poder sobre o nosso globo, ela, oprimida, vai se erguendo cada vez mais. (Tradução nossa)

⁸ Texto publicado em *La voz de Elqui*, em 1906, e recompilado por María Luísa Pérez, em sua *Antología de Gabriela Mistral*, 1995.

*rupturista. Su feminismo no cuestionó las estructuras globales de la sociedad, productoras de su discriminación*⁹.” (FIGUEROA, 2003, p. 15-16)

O fragmento anterior destaca o fato de que o feminismo na América e, mais especificamente no Chile, entre 1900 e 1940, não foi um movimento violento ou separatista, mas foi um movimento fundamentalmente doméstico, em que as mulheres se reconheciam enquanto mães e esposas e não queriam abdicar destes papéis, mas lutavam para conquistar mais espaços na sociedade e na política.

A seguir, nos dedicamos à observação e análise do poema “Apegado a mí”, de Gabriela Mistral.

4. A MATERNIDADE EM GABRIELA MISTRAL: UMA LEITURA DO POEMA “APEGADO A MÍ”

Vimos que Mistral foi uma defensora dos direitos das mulheres, considerada uma feminista aos moldes de seu tempo. Embora, militasse para que as mulheres tivessem mais espaço na sociedade e não fossem humilhadas ou tratadas como subalternas, mas conquistassem a sua autonomia, se tornando independentes de seus pais, maridos e filhos, Mistral não dissociou, em sua obra, a figura da mulher forte, destemida e independente da imagem da mulher doce, terna e maternal, a autora nos leva a crer que, para ela, a mulher poderia ocupar o espaço que quisesse e o casamento e a maternidade não anulariam ou impediriam isso.

Para Figueroa (2003), a concepção de maternidade de Mistral vai muito além do fato de dar à luz a um ser, sua ideia de maternidade é mais universal, para ela, uma mãe não é apenas a mulher que zela por um filho, mas também a mulher que luta pela paz e por direitos iguais para todos; como se observa, para a escritora muitas mulheres poderiam agir como mães sem nunca terem sido de fato, ou pelo menos não no sentido reducionista do termo.

⁹ Na América e no Chile o movimento feminista não teve as características violentas de suas antecessoras (“As sufragistas [...] ativam sua campanha com tanto calor que sua agressividade [...] faz a Inglaterra viver quase o clima de uma guerra civil”). Sua posição esteve mais ligada a uma concepção de diferenças e não de antagonismos com o sistema imperante.

Desde uma consciência feminina e consequente com o papel maternal foi abrindo novos espaços de legitimação. Sem entrar nunca na luta aberta: “[O] feminismo chileno entre 1900 e 1940 foi do tipo reformista ou doméstico, em que partindo de uma visão tradicional de si (e não podia ter sido de outra forma), as mulheres buscaram, principalmente, a reivindicação de seus direitos civis e políticos [20] desde uma posição não separatista. Seu feminismo não questionou as estruturas globais da sociedade, produtoras de sua discriminação.

Apresentamos a seguir o poema “Apegado a mí”, que expressa um notável instinto maternal por parte da autora, que nunca teve um filho biológico:

Apegado a mí

*velloncito de mi carne,
que en mi entraña yo tejí,
velloncito friolento,
¡duérmete apegado a mí!*

*La perdiz duerme en el trébol
escuchándole latir:
no te turben mis alientos,
¡duérmete apegado a mí!*

*Hierbecita temblorosa
asombrada de vivir,
no te sueltes de mi pecho:
¡duérmete apegado a mí!*

*Yo que todo lo he perdido
ahora tiemblo de dormir.
No resbales de mi brazo:
¡duérmete apegado a mí!*¹⁰

De acordo com Figueroa (2003, p. 71), “*para Gabriela Mistral la mujer alcanza su máximo contacto sobrenatural con la vida a través de la maternidad, es en ese estado y no en*

¹⁰ **Junto a mim**

Bonequinho de minha carne
Que em meu ventre teci,
Bonequinho friorento,
Dorme junto a mim!

A perdiz dorme no trevo
Escutando-o bater
Minha respiração não o incomodará
Dorme junto a mim!

Ervinha trêmula
Com medo de viver,
Não te soltes do meu peito:
Dorme junto a mim!

Eu que tudo perdi
Agora tremo para dormir.
Não escorregue do meu braço:
Dorme junto a mim!

*outro, que palpa su fuerza cósmica aquí en la tierra*¹¹”. A escritora afirmava que a santidade da vida começava na maternidade, que era um momento sagrado.

O poema “Apegado a mí” é composto por quatro estrofes de quatro versos cada e apresenta os temas maternidade e solidão. A primeira estrofe, aparentemente, expõe o forte desejo de Mistral por gerar um filho, não podendo viver isso na realidade, a autora expressa o desejo desta realização através do verso “*que en mi entraña yo tejí*”, além disso, todo o cuidado maternal pode ser percebido nos versos “*velloncito friolento*”/ “*¡duérmete apegado a mí!*”, nestes fragmentos a autora demonstra todo o cuidado que tem uma mãe ao perceber que seu filho sente frio, de modo que ela própria lhe serve de cobertor, oferecendo o seu calor e, enquanto dorme junto do filho. Porém, mesmo que não tenha gerado um filho biológico, percebe-se, através de seu discurso, que Mistral experimentou a maternidade de muitas outras formas.

A segunda estrofe apresenta metaforicamente a relação estabelecida entre uma ave (perdiz) e a natureza, onde dorme, de modo que se os ruídos da natureza não incomodam a ave, tão pouco a sua respiração incomodará o seu filho enquanto dorme. Deste modo, se a ave encontra um lugar seguro na natureza, seu filho sempre estará seguro ao seu lado.

Na terceira estrofe, é possível observar a maneira como a mãe vê o filho, como um ser indefeso que precisa de sua proteção e amparo. O terceiro verso lança o apelo “*no te sueltes de mi pecho*”, dito de outro modo, é como se a mãe pedisse que o filho não saísse de perto dela, pois ao seu lado ele teria sempre proteção.

A quarta estrofe expõe o medo de quem afirma ter perdido tudo na vida e agora treme na hora de dormir: “*Yo que todo lo he perdido*”/ “*ahora tiemblo de dormir*”. Há ainda o apelo: “*no resbales de mi brazo*” e, por último, o verso que encerra todas as estrofes do poema: “*¡duérmete apegado a mí!*” apresenta o pedido repetido de que o filho durma junto dela, ou, metaforicamente, o desejo de que o filho nunca se afaste, deixando-a sozinha.

A imagem a seguir aparece comumente associada ao poema de Mistral, como se fosse uma representação dele:

¹¹ “para Gabriela Mistral, a mulher alcança seu máximo contato sobrenatural com a vida através da maternidade, é nesse estado e não em outro, que apalpa sua força cósmica aqui na terra.

Figura 1- “Maternidad Hermosa” (Juan Rico López)



Fonte: <http://gabrielamistral-juanitanicolas.blogspot.com/2009/10/apegado-mi.html>

De fato a pintura, ainda que não seja, parece uma representação do poema, as leituras que fazemos dela podem aproximar-se muito das reflexões suscitadas pelos versos de Mistral, talvez, por este motivo, muitos sites o reproduzam ao lado desta imagem, como o site que citamos na fonte, abaixo da figura.

É interessante observar como Mistral apresenta o tema maternidade com maestria sem ter tido filhos, mas, como já destacamos, para a escritora a maternidade se apresenta de modo muito mais amplo e complexo. Quanto a isto, Figueroa (2003) destaca que:

No se puede hablar de un solo tipo de maternidad. Gabriela Mistral nunca parió un hijo pero fue la voz protectora del pobrérío, de la tierra y del indio. Si bien la madre no es un ser sustituible existen otras formas también de serlo. Velar o cuidar son cualidades que se pueden extender a todo quien lo necesite. Siempre y cuando la mujer lo ejerza, porque ella está llamada a hacerlo, “[...] sea profesional, obrera, campesina o simple dama, su única razón de ser sobre el mundo es la maternidad, la material y la espiritual juntas, o la última en las mujeres que no tenemos hijos”¹².” (FIGUEROA, 2003, p. 71-72)

¹² Não se pode falar de um só tipo de maternidade. Gabriela Mistral nunca pariu um filho, mas foi a voz protetora dos pobres, da terra e do índio. Se a mãe não é um ser substituível, existem outras formas também de sê-lo. Velar ou cuidar são qualidades que podem se estender a todos os que necessitem. Sempre que a mulher exerça esta função, porque ela é chamada a exercê-la, “[...] seja profissional, trabalhadora, camponesa ou simples dama, sua única razão de ser sobre o mundo é a maternidade, a material e a espiritual juntas, ou a última nas mulheres que não têm filhos”. (Tradução nossa)

Para a autora, Gabriela acreditava que era sempre a mulher a chamada para cuidar das dores alheias, algo que ela própria vivenciou em sua constante luta por aplacar as dores de todos aqueles que considerava oprimidos. Isto pode ser percebido através do fragmento a seguir, que expõe o pensamento da escritora: *“Pienso que el ser que mejor recoja el dolor de las multitudes ha de ser una mujer, porque lo reconoce como madre, duplicado siente los males de su carne y la de los hijos suyos. El hombre sólo padece en la carne propia”*¹³.” (FIGUEROA, 2003, p. 72).

Como se observa, Mistral não enxergava os homens como seres capazes de colocar-se no lugar do outro, em sua visão a mulher podia ser muito mais empática, pois carregaria em si um instinto especial, que a faria querer proteger e defender o próximo. Talvez esta visão negativa sobre os homens tenha relação com o abandono sofrido pelo pai quando Gabriela era ainda muito jovem.

A leitura do poema *“Apegado a mí”* nos faz refletir sobre como Mistral visualizava a maternidade de modo amplo, além disso, é possível observar o seu grau de empatia e amor pelo próximo, pois, ainda que nunca tenha parido um filho biológico, a escritora adotou, ao longo de sua vida, incontáveis filhos, e exerceu a função de cuidadora incondicional, tão associada à figura materna.

A seguir, apresentamos nossas considerações finais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para nós, foi gratificante mergulhar no universo de Gabriela Mistral e conhecer um pouco mais sobre esta escritora que, além de talentosa, foi uma mulher sensível aos problemas dos outros.

Pudemos identificar o grau de complexidade com que Mistral compreendia a maternidade. Vimos que a escritora foi uma mulher que esteve à frente de sua época e que lutou pelos direitos das mulheres, dos índios e das crianças. Mesmo sendo mulher, pobre e índia e, portanto, alvo de muitos preconceitos e críticas, Mistral não se calou diante das

¹³ Penso que o ser que melhor pode compreender a dor das pessoas é uma mulher, porque a compreender como mãe e sente a dor de forma duplicada, em sua carne e na de seus filhos. O homem só padece em sua própria carne. (Tradução nossa)

injustiças cometidas contra os oprimidos, mas militou para que todos pudessem viver dignamente.

Através da leitura do poema “*Apegado a mí*”, reconhecemos uma mulher que, mesmo não tendo sido mãe no sentido biológico, exercitou a maternidade durante toda sua vida, em cada ação voltada para o bem-estar dos mais esquecidos e humilhados pela sociedade. Muito mais que uma importante escritora, Gabriela Mistral foi um ser humano ímpar.

Esperamos que as discussões apresentadas neste artigo inspirem estudantes e professores de Língua Espanhola a buscarem conhecer mais sobre a vida e sobre a obra de Mistral.

LA MATERNIDAD EN GABRIELA MISTRAL: UNA LECTURA DEL POEMA *APEGADO A MÍ*

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo principal observar de qué modo es tratado el tema maternidad en la obra de Gabriela Mistral, específicamente en el poema “*Apegado a mí*”. Para tanto, presentamos una lectura analítica del poema, destacando los aspectos relacionados al instinto maternal encontrados. Las discusiones presentadas se basan en los estudios de Izuli (2014), Silva (2017), Landero (2017) y Figueroa (2003), entre otros. Metodológicamente, se trata de una investigación bibliográfica, pues nos basamos en estudios ya realizados sobre el tema, encontrados en libros, artículos y sitios electrónicos. Concluimos que, aunque nunca haya sido madre, Mistral habló sobre maternidad con propiedad, pues, para ella, ser madre sobrepasa los límites del parto. La maternidad, para la escritora, está más relacionada a una actitud empática que a un embarazo, ya que ella nunca tuvo hijos.

Palabras Clave: Literatura. Gabriela Mistral. Maternidad. *Apegado a mí*.

REFERÊNCIAS

BRUNER, J. **Mentes reais, mundos possíveis**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1986.

_____. **Atos de significado**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1990.

_____. **Fazendo histórias: direito, literatura, vida**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2002.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9 ° ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. Disponível em: < [www. Sociedadedospoetasamigosblog. Wordpress](http://www.Sociedadedospoetasamigosblog.Wordpress)>. Acesso: 23 jul. 2017.

CARVALHO, José Reinaldo. **Mistral**. União Brasileira de Escritores do RN-Nave da Palavra.Gabriela Mistral. Disponível em: <www.udern.org.br>. Acesso: 10 jul. 2017.

COELHO FRANÇA, Kamilla Kristina Sousa (UFU). Hilda Hilste Gabriela Mistral, um diálogo acerca de Deus. **MISTRAL**. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/espanhol/Anais/anais_paginas_%201005-1501/Hilda%20Hilst.pdf>. Acesso: 5 jul. 2017.

CORACINI, M. J. **A celebração do Outro**: Arquivo, Memória e Identidade. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

FEDRA, Rodriguez. HINOJOSA, Ronaldo Lima. **A tradução como estratégia de interculturalidade no ensino de língua estrangeira**. Disponível em: <[file:///C:/Users/Kariny/Downloads/Tradu%C3%A7%C3%A3o Interculturalidade Ensino%20de%20LE.pdf](file:///C:/Users/Kariny/Downloads/Tradu%C3%A7%C3%A3o%20Interculturalidade%20Ensino%20de%20LE.pdf)> Acesso: 19 jun. 2017.

FERREIRA, Rosângela Veiga Júlio; MICARELLO, Hilda Aparecida Linhares da Silva. **As intelectuais Gabriela Mistral e Cecília Meireles nas bibliotecas infantis**: traços da modernidade educacional no México e no Brasil. Colégio de Aplicação João XXIII/UFJF, Juiz de Fora, MG, Brasil. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, Brasil. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782017227178>> Acesso: 22 jul. 2017.

FIGUEROA, Lorena. **Tierra, Índio, Mujer**: Pensamiento Social de Gabriela Mistral. 2003. Disponível em: <<http://biblioteca.org.ar/libros/89627.pdf>>. Acesso: 10 jul. 2018.

FIVUSH, R. **Memória e narrativa, autor e voz**. Disponível em: <<http://narrative-matters.com/speakers.html>>. Acesso: 26 jul. 2018.

GIDDENS, Anthony, **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. Disponível em: <[http. www.sociedadedospoetasamigos. com. chi. wordpress](http://www.sociedadedospoetasamigos.com.chi.wordpress)> Acesso: 12 jun. 2017. Trad. Plínio Dentzien.

GRINSCHPUN, Natalia. **El Dios Triste, Gabriela Mistral**. Poetas al desnudo, artículo publicado el 26 de junio de 2011. Disponível em: <<http://poetasaldesnudo.blogspot.com.br/2011/06/el-dios-triste-gabriela-mistral.html.ch>> Acesso: 5 jul. 2017.

LAGE, Rodrigo Conçole. **Vida e obra de Gabriela Mistral**: uma ilustre desconhecida Revista Alpha, n. 16, dez. 2015. P. 124-136.

LANDERO, E. G. C. **GABRIELA MISTRAL Una peculiar feminista 1889-1957**. 2017. Disponível em: < <https://www.crisolacatlan.com/single-post/2017/06/19/GABRIELA-MISTRAL-Una-peculiar-feminista-1889-1957>> Acesso: 10 mar. 2018.

MISTRAL, G. **Talas**: Poemas. Buenos Aires: Sur, 1938.

_____. **Campesina del Valle de Elqui**. Buenos aires: Instituto Amigos del Libro Argentino, 1969.

MOUFFE, C. Feminismo, cidadania e política democrática radical. In: NICHOLSON, L.; Seidman, S. (Org.). **O pós-modernismo social**: além da política de identidade. Cambridge: Universidade de Cambridge, 1995. p. 315-331.

NICHOLSON, L. Interpretando sexo. In: NICHOLSON, L.; Seidman, S. (Org.). **O pós-modernismo social**: além da política de identidade. Cambridge, Mass.: Universidade de Cambridge, 1995 p.39-67.

PÉREZ, M. L. **Antología de Gabriela Mistral**. Santiago de Chile: Editorial Las Orquídeas, 1995.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. **Tecendo por trás dos panos**: a mulher brasileira nas relações familiares. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SALDIVIA, Zenobio. **Gabriela Mistral y la cultura y sociedad de su tiempo**. Artículo publicado el 15-04-2005. Disponível em <http://critica.cl/historia/gabriela-mistral-y-la-cultura-y-sociedad-de-su-tiempo>. Acesso: 8 jul. 2017.

SILVA, Jacicarla Souza. **Breves Considerações Sobre a recepção da obra de Gabriela Mistral no Brasil**. XIII Seminário Nacional de Literatura, História e MEMÓRIA e IV Congresso Internacional de Pesquisa em Letras no Contexto Latino-Americano. Disponível em: < <http://www.seminariolhm.com.br/2018/simposios/20/simp20art01.pdf>>. Acesso: 25 jul. 2018.

SOARES, Gabriela Pellegrino. **A semear horizontes**: leituras literárias na formação da infância, Argentina e Brasil (1915-1954). 339 f. Tese (Doutorado em História Social). Universidade de São Paulo, 2002.

SOUZA, Elizeu Clementino (Org.). **Autobiografias, histórias de vida e formação**: pesquisa e ensino. Porto Alegre: EDPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006.

WANDERLEY, Márcia Cavendish. **A voz embargada**: Imagem da Mulher em Romances Ingleses e Brasileiros do Século XIX. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

ZOLIN, Lúcia Osana. Literatura de Autoria Feminina. IN: BONNICI, T. ZOLIN, L. O. (org). **Teoria Literária: Abordagens Históricas e Tendências Contemporâneas**. 3ª Ed. Maringá: EDUEM, 2009.